

NEURODIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO: PERSPECTIVAS PSICOPEDAGÓGICAS PARA A INCLUSÃO

NEURODIVERSITY IN EDUCATION: PSYCHO-PEDAGOGICAL PERSPECTIVES
FOR INCLUSION

NEURODIVERSIDAD EN EDUCACIÓN: PERSPECTIVAS PSICOPEDAGÓGICAS
PARA LA INCLUSIÓN

Ademar Alves dos Santos¹, Nicolas Matheus da Fonseca Tinoco de Souza Araújo², Erika Beatriz Silva³, Giovani de Oliveira e Silva⁴, Reginaldo Aparecido Ferreira⁵, Otávio de Oliveira Castelan⁶, Keylla Gomes dos Santos⁷, Quêren dos Passos Freire Arbex⁸, Sueli Ferreira da Silva Menezes⁹, Joeferson de Oliveira Câmara¹⁰, Luciana Gonçalves de Araújo Gomes¹¹, Wilson Domingos Mingote Junior¹², Fábio Antônio Ferreira dos Santos¹³, Wellington Mota de Sousa¹⁴, Rodrigo Fernandes da Silva¹⁵

DOI: 10.54899/dcs.v23i86.4266

Recibido: 12/12/2025 | Aceptado: 09/01/2026 | Publicación en línea: 16/01/2026.

¹ Doutor em Educação, Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, Minas Gerais, Brasil.

E-mail: ademar.santos@ufu.br

² Doutor em Engenharia Mecânica, Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Rio Grande do Norte, Brasil.

E-mail: nicolas.araujo@ufersa.edu.br

³ Mestranda em Educação Tecnológica, Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM), Uberaba, Minas Gerais, Brasil. E-mail: erikabeatriz1978@gmail.com

⁴ Mestrando em Biociências e Saúde, Universidade Tiradentes (UNIT), Aracaju, Sergipe, Brasil.

E-mail: giovaniliveira@gmail.com

⁵ Mestre em Ciências e Engenharia de Materiais, Universidade Federal de Itajuba (UNIFEI), Itajubá, Minas Gerais, Brasil. E-mail: regisfisica2020@gmail.com

⁶ Especialista em Linguagens, suas Tecnologias e o Mundo do Trabalho, Universidade Federal do Piauí, Teresina, Piauí, Brasil. E-mail: otavio31castelane@hotmail.com

⁷ Mestre em Biociências, Universidade Federal do Vale do São Francisco, Petrolina, Pernambuco, Brasil.

E-mail: keyllagsfarm@gmail.com

⁸ Mestre em Educação Profissional e Tecnológica, Instituto Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil.

E-mail: querenita@gmail.com

⁹ Graduada em Pedagogia Psicopedagogia Institucional e Clínica, Secretaria de Estado de Educação Goiás (SEDUC), Goiânia, Goiás, Brasil. E-mail: suelimenezesalm@gmail.com

¹⁰ Licenciatura em Letras Libras, Universidade Federal do Acre (UFAC), Rio Branco, Acre, Brasil.

E-mail: jocamara281089@gmail.com

¹¹ Mestranda pelo Mestrado Profissional em Educação Inclusiva em Rede Nacional (PROFEI), Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), Montes Claros, Minas Gerais, Brasil.

E-mail: lucianaaraujopn@yahoo.com.br

¹² Mestre em Administração e Bacharel em Psicologia, Centro Universitário Unihorizontes, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. E-mail: jrmingote@hotmail.com

¹³ Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió, Alagoas, Brasil. E-mail: santosfabio933@gmail.com

¹⁴ Mestre Educação, Universidade Federal do Norte do Tocantins, Tocantinópolis, Tocantins, Brasil.

E-mail: wellington.mota@ufnt.edu.br

¹⁵ Mestre em Sociologia, Faculdade de Ensino Superior de Marechal Cândido Rondon, Marechal Cândido Rondon, Paraná, Brasil. E-mail: rodrigofernandes@opcaonet.com.br

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo analisar as contribuições da psicopedagogia para a promoção da inclusão de estudantes neurodivergentes no contexto educacional, investigando estratégias, desafios e práticas voltadas à valorização das diferenças cognitivas e emocionais. Para tanto, adotou-se um relato de experiência com abordagem qualitativa, utilizando entrevistas em profundidade com uma amostra intencional de nove profissionais da educação, incluindo psicopedagogos e docentes com experiência em inclusão escolar. A análise dos dados revelou que a neurodiversidade é compreendida como uma variação natural do funcionamento neurológico, demandando adaptações pedagógicas, estratégias individualizadas e acompanhamento interdisciplinar para atender às necessidades de cada aluno. Os participantes destacaram a importância da atuação psicopedagógica como mediadora entre aluno, família e escola, apontando como eficazes recursos visuais, atividades lúdicas, flexibilização de atividades e avaliações diversificadas. Além disso, evidenciou-se que a colaboração entre professores, psicopedagogos e familiares, aliada à criação de ambientes acolhedores e ao fortalecimento de vínculos afetivos, favorece o engajamento, a motivação e o desenvolvimento integral dos estudantes. Contudo, desafios como resistência cultural, falta de recursos e formação insuficiente ainda limitam a implementação plena da inclusão, indicando que o sucesso do processo depende de ações contínuas, integradas e sistêmicas.

Palavras-chave: Neurodiversidade. Inclusão. Humanização.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the contributions of psychopedagogy to promoting the inclusion of neurodivergent students in the educational context, investigating strategies, challenges, and practices focused on valuing cognitive and emotional differences. To this end, an experience report with a qualitative approach was adopted, using in-depth interviews with a purposive sample of nine education professionals, including psychopedagogues and teachers with experience in school inclusion. Data analysis revealed that neurodiversity is understood as a natural variation in neurological functioning, requiring pedagogical adaptations, individualized strategies, and interdisciplinary support to meet the needs of each student. Participants highlighted the importance of psychopedagogical intervention as a mediator between student, family, and school, pointing to visual resources, playful activities, flexible activities, and diversified assessments as effective. Furthermore, it was evident that collaboration between teachers, psychopedagogues, and families, combined with the creation of welcoming environments and the strengthening of affective bonds, favors engagement, motivation, and the integral development of students. However, challenges such as cultural resistance, lack of resources, and insufficient training still limit the full implementation of inclusion, indicating that the success of the process depends on continuous, integrated, and systemic actions.

Keywords: Neurodiversity. Inclusion. Humanization.

RESUMEN

Este estudio tuvo como objetivo analizar las contribuciones de la psicopedagogía para promover la inclusión del alumnado neurodivergente en el contexto educativo, investigando estrategias, desafíos y prácticas centradas en la valoración de las diferencias cognitivas y emocionales. Para

ello, se adoptó un informe de experiencia con un enfoque cualitativo, mediante entrevistas en profundidad con una muestra intencional de nueve profesionales de la educación, incluyendo psicopedagogos y docentes con experiencia en inclusión escolar. El análisis de los datos reveló que la neurodiversidad se entiende como una variación natural del funcionamiento neurológico, que requiere adaptaciones pedagógicas, estrategias individualizadas y apoyo interdisciplinario para satisfacer las necesidades de cada estudiante. Los participantes destacaron la importancia de la intervención psicopedagógica como mediadora entre el alumnado, la familia y la escuela, señalando como eficaces los recursos visuales, las actividades lúdicas, las actividades flexibles y las evaluaciones diversificadas. Además, se evidenció que la colaboración entre docentes, psicopedagogos y familias, combinada con la creación de entornos acogedores y el fortalecimiento de los vínculos afectivos, favorece la participación, la motivación y el desarrollo integral del alumnado. Sin embargo, desafíos como la resistencia cultural, la falta de recursos y la capacitación insuficiente aún limitan la plena implementación de la inclusión, lo que indica que el éxito del proceso depende de acciones continuas, integradas y sistémicas.

Palabras clave: Neurodiversidad. Inclusión. Humanización.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa aborda o tema “Neurodiversidade na educação: perspectivas psicopedagógicas para a inclusão”, discutindo a importância de compreender as diferenças neurológicas como parte da diversidade humana no contexto educacional. O estudo propõe uma reflexão sobre como a escola pode se tornar um espaço mais inclusivo, acolhedor e equitativo para estudantes com diferentes perfis de aprendizagem, considerando contribuições da psicopedagogia para o desenvolvimento integral do aluno e para a superação de práticas excludentes ainda presentes no ambiente escolar.

A neurodiversidade refere-se à variedade de funcionamentos neurológicos existentes entre os indivíduos, incluindo condições como o Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), dislexia, entre outras (Simões; Simões; Saraiva, 2025). No campo educacional, esse conceito amplia a compreensão sobre as diferenças cognitivas, emocionais e comportamentais dos estudantes, rompendo com modelos padronizados de ensino. A psicopedagogia, por sua vez, contribui de forma significativa ao analisar os processos de aprendizagem, identificar dificuldades e propor estratégias pedagógicas que respeitem as singularidades dos sujeitos, favorecendo práticas educativas mais inclusivas

(Bezerra, 2020).

Apesar dos avanços nas políticas públicas e no debate sobre educação inclusiva, observa-se que muitas instituições de ensino ainda enfrentam dificuldades para atender adequadamente alunos neurodivergentes. A falta de formação específica dos profissionais, a escassez de recursos pedagógicos adequados e a permanência de concepções tradicionais de ensino configuram a situação-problema desta pesquisa (Gerone, 2021; Simões, 2025). Diante disso, emerge a seguinte questão de pesquisa: como as perspectivas psicopedagógicas podem contribuir para a inclusão efetiva de estudantes neurodivergentes no contexto educacional?

O objetivo geral deste estudo é analisar as contribuições da psicopedagogia para a promoção da inclusão educacional de estudantes neurodivergentes. Como objetivos específicos, busca-se: compreender o conceito de neurodiversidade e sua aplicação na educação; identificar os principais desafios enfrentados por alunos neurodivergentes no ambiente escolar; discutir o papel do psicopedagogo no processo de inclusão; e apresentar estratégias psicopedagógicas que favoreçam práticas educacionais inclusivas.

A relevância social desta pesquisa reside na promoção de uma educação mais justa e igualitária, que respeite as diferenças e assegure o direito à aprendizagem para todos os estudantes. No âmbito acadêmico, o estudo contribui para o aprofundamento das discussões sobre neurodiversidade e inclusão, ampliando o conhecimento científico na área da psicopedagogia e oferecendo subsídios teóricos para profissionais da educação, pesquisadores e estudantes interessados em práticas inclusivas e inovadoras no contexto escolar.

MÉTODOS

Este estudo caracteriza-se como um relato de experiência, com abordagem qualitativa, por buscar compreender percepções, vivências e práticas profissionais relacionadas à neurodiversidade no contexto educacional. A pesquisa qualitativa mostra-se adequada por permitir uma análise aprofundada dos significados atribuídos pelos participantes às suas experiências, possibilitando a compreensão da complexidade dos processos de inclusão sob a perspectiva psicopedagógica (Silva; Lima; Silva, 2025; Jahnke et al., 2025; Lima et al., 2024; Lima et al., 2025a; Lima; Menezes, 2025; Lima; Domingues; Silva, 2024a; Lima; Domingues Júnior; Silva, 2024b; Lima; Silva; Domingues Júnior, 2024; Lima et al., 2025b).

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas em profundidade, escolhidas por

favorecerem a exploração detalhada das experiências, opiniões e estratégias utilizadas pelos profissionais no atendimento a estudantes neurodivergentes. As entrevistas foram conduzidas com questões abertas que possibilitaram flexibilidade na condução do diálogo, garantindo que os participantes pudessem expressar livremente suas percepções sobre práticas inclusivas, desafios enfrentados e contribuições da psicopedagogia no contexto educacional.

A amostra foi composta por nove profissionais da área educacional, selecionados de forma intencional, considerando sua atuação direta com alunos neurodivergentes. Participaram do estudo psicopedagogos, professores e outros profissionais da educação que possuem experiência prática com processos de inclusão escolar.

Os dados obtidos nas entrevistas foram analisados por meio da análise qualitativa de conteúdo, permitindo a identificação de categorias temáticas relacionadas às perspectivas psicopedagógicas e às práticas inclusivas. Todos os procedimentos éticos foram respeitados, assegurando o anonimato dos participantes e a confidencialidade das informações.

RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

A análise das entrevistas em profundidade realizadas com os nove profissionais participantes permitiu identificar percepções, desafios e práticas recorrentes relacionadas à neurodiversidade no contexto educacional, especialmente sob a ótica psicopedagógica. De modo geral, os relatos evidenciam que a inclusão de estudantes neurodivergentes ainda se configura como um processo em construção, marcado por avanços pontuais, mas também por dificuldades estruturais, pedagógicas e formativas.

Os participantes demonstraram compreender a neurodiversidade como um conceito que amplia a visão tradicional sobre dificuldades de aprendizagem. Segundo os respondentes E01 e E04, a neurodiversidade representa “uma forma diferente de aprender e se desenvolver” e “não uma limitação, mas uma variação do funcionamento neurológico”. Essa percepção indica uma mudança conceitual importante, alinhada às discussões contemporâneas sobre inclusão, embora nem sempre essa compreensão se traduza em práticas pedagógicas efetivas.

Apesar desse entendimento teórico, diversos profissionais relataram que o ambiente escolar ainda opera sob uma lógica padronizada. De acordo com E02 e E06, “o currículo é o mesmo para todos” e “as adaptações acontecem mais no discurso do que na prática”. Esses relatos revelam uma contradição entre as políticas inclusivas e a realidade cotidiana das escolas, onde a

diversidade de ritmos e estilos de aprendizagem nem sempre é contemplada de forma sistemática.

Outro aspecto recorrente nos depoimentos refere-se à formação docente. A maioria dos entrevistados afirmou não ter recebido preparo suficiente para lidar com estudantes neurodivergentes durante a formação inicial. Segundo E03, “aprendi mais na prática do que na faculdade”, enquanto E05 destacou que “faltam cursos específicos e acompanhamento contínuo”. Esses dados evidenciam a necessidade de investimentos em formação continuada, especialmente voltada à compreensão das especificidades cognitivas e emocionais desses alunos.

No que diz respeito ao papel da psicopedagogia, os profissionais reconhecem sua relevância como área mediadora entre o aluno, o professor e a instituição. Conforme relataram E07 e E09, o psicopedagogo atua “identificando as necessidades do aluno” e “orientando o professor sobre estratégias mais adequadas”. Essa atuação é vista como fundamental para promover intervenções que respeitem as singularidades do estudante neurodivergente.

Entretanto, alguns participantes apontaram limitações na atuação psicopedagógica dentro das instituições. Segundo E01 e E08, “o psicopedagogo nem sempre é ouvido” e “muitas vezes sua atuação fica restrita a avaliações pontuais”. Esses relatos sugerem que, embora reconhecida, a psicopedagogia ainda enfrenta desafios para se consolidar como parte integrante do planejamento pedagógico escolar.

Os entrevistados também relataram dificuldades relacionadas à identificação precoce das necessidades educacionais dos alunos. De acordo com E04, “muitos estudantes passam anos sem diagnóstico ou apoio adequado”, enquanto E06 afirmou que “o problema só é percebido quando o aluno já apresenta grande defasagem”. Essa realidade compromete o desenvolvimento acadêmico e emocional dos estudantes neurodivergentes, reforçando a importância de um olhar atento e interdisciplinar.

No âmbito das estratégias pedagógicas, os profissionais mencionaram a utilização de adaptações metodológicas, como atividades diferenciadas, uso de recursos visuais e flexibilização do tempo. Segundo os respondentes E02 e E05, “pequenas mudanças já fazem muita diferença” e “quando o professor adapta, o aluno responde melhor”. Tais relatos evidenciam que práticas inclusivas são possíveis, desde que haja intencionalidade pedagógica.

Por outro lado, alguns entrevistados destacaram a resistência de parte do corpo docente em modificar suas práticas. Conforme E03, “ainda existe a ideia de que todos devem aprender do mesmo jeito”, enquanto E07 relatou que “há professores que veem a inclusão como sobrecarga”. Esses discursos revelam que a inclusão também envolve mudanças atitudinais, além de estruturais

e metodológicas.

Por fim, os dados indicam que a inclusão de estudantes neurodivergentes depende de um trabalho coletivo. A maioria dos participantes enfatizou a importância da parceria entre professores, psicopedagogos, família e equipe gestora. Segundo E08 e E09, “quando todos dialogam, o aluno evolui mais” e “a inclusão não é responsabilidade de um profissional só”. Essa compreensão reforça a ideia de que a educação inclusiva deve ser construída de forma colaborativa e contínua.

A análise revelou que as experiências emocionais dos estudantes neurodivergentes constituem um fator central para a inclusão efetiva. Segundo E02 e E06, “muitos alunos se sentem inseguros ou ansiosos diante de tarefas que exigem atenção ou concentração prolongada” e “o sentimento de exclusão afeta diretamente a motivação para aprender”. Esses relatos indicam que a inclusão não se limita à adaptação curricular, mas envolve também acolhimento afetivo e estratégias que promovam autoestima e engajamento.

A relação entre escola e família emergiu como outro eixo significativo. E03 afirmou que “a parceria com os pais é essencial para compreender o comportamento do aluno em casa e na escola”, enquanto E07 destacou que “quando a família participa, conseguimos aplicar estratégias de forma mais consistente”. Esses depoimentos reforçam a ideia de que a inclusão é um processo sistêmico, no qual a comunicação e colaboração entre diferentes atores sociais é indispensável.

Os profissionais também relataram experiências bem-sucedidas de intervenção psicopedagógica. E05 comentou: “utilizamos jogos cognitivos e recursos visuais que ajudaram um aluno com dislexia a melhorar sua leitura e escrita”, e E01 destacou: “adaptar atividades e permitir que cada estudante demonstre seu conhecimento de formas diversas trouxe resultados surpreendentes”. Esses exemplos mostram que a criatividade e a flexibilidade do docente, orientadas por princípios psicopedagógicos, podem gerar avanços concretos na aprendizagem.

Contudo, os participantes enfatizaram que a implementação dessas práticas enfrenta limitações institucionais. Segundo E04, “faltam materiais adequados e tempo para planejar estratégias individualizadas”, enquanto E08 afirmou que “às vezes a gestão não prioriza formação continuada nem recursos para inclusão”. Isso evidencia que os desafios não são apenas pedagógicos, mas também estruturais e administrativos, exigindo políticas escolares que apoiem efetivamente a diversidade.

A perspectiva psicopedagógica sobre avaliação foi outro ponto destacado. E09 explicou que “avaliar apenas pelo padrão tradicional prejudica o aluno neurodivergente”, e E03

complementou: “procuramos usar avaliações diversificadas, como portfólios ou apresentações, para reconhecer diferentes formas de aprendizagem”. Esses relatos mostram que a inclusão exige repensar o conceito de sucesso acadêmico e adaptar as formas de mensuração do conhecimento.

A comunicação entre profissionais é percebida como estratégia central para o sucesso das intervenções. E06 relatou: “quando o psicopedagogo, o professor e a coordenação se reúnem, conseguimos traçar planos mais coerentes e eficientes”, e E02 acrescentou que “esses encontros ajudam a entender melhor cada aluno e a alinhar expectativas”. Isso indica que o trabalho interdisciplinar é uma condição para a implementação efetiva de práticas inclusivas.

Alguns entrevistados relataram situações de resistência por parte de colegas ou mesmo da gestão escolar. E05 afirmou que “há professores que veem os alunos com TDAH ou autismo como problemáticos” e E04 destacou que “em algumas escolas, a inclusão ainda é vista como obrigação, não como uma filosofia de ensino”. Tais relatos demonstram que mudanças culturais são tão importantes quanto adaptações pedagógicas para efetivar a inclusão.

Os participantes também destacaram a necessidade de formação contínua em psicopedagogia e neurodiversidade. E01 comentou: “é preciso atualização constante, pois cada aluno apresenta necessidades específicas e as metodologias evoluem”, e E07 reforçou que “treinamentos periódicos ajudam a equipe a entender melhor os diferentes perfis de aprendizagem”. Isso evidencia que a inclusão é um processo dinâmico que exige capacitação permanente.

Outro ponto relevante apontado pelos respondentes é a importância de ambientes de aprendizagem acolhedores. E08 afirmou: “um espaço seguro, onde o aluno se sinta respeitado e encorajado, favorece a autonomia e o engajamento”, enquanto E09 relatou que “a disposição da sala, a organização das atividades e o clima emocional impactam diretamente na participação do estudante”. Esses relatos demonstram que a inclusão depende de fatores físicos, sociais e emocionais, não apenas de estratégias pedagógicas.

Por fim, os dados desta segunda parte evidenciam que a inclusão de estudantes neurodivergentes é multifacetada e exige ações simultâneas: adaptações curriculares, estratégias psicopedagógicas, articulação com famílias, apoio institucional e mudanças culturais. Segundo E02 e E06, “quando todos os elementos se alinham, os resultados aparecem” e “o aluno se sente valorizado, motivado e capaz de desenvolver suas habilidades”. Isso reforça a necessidade de uma abordagem integrada e colaborativa no contexto escolar.

A análise final evidencia que estratégias personalizadas são fundamentais para promover

a inclusão de estudantes neurodivergentes. E03 comentou que “adaptar tarefas de acordo com o estilo de aprendizagem de cada aluno faz toda a diferença”, e E05 reforçou que “utilizar recursos visuais, tecnológicos e lúdicos ajuda a manter o engajamento e a compreensão”. Esses relatos indicam que a flexibilidade metodológica é um elemento central na prática psicopedagógica inclusiva.

Os profissionais também destacaram a importância da construção de vínculos afetivos entre professor e aluno. E01 afirmou que “um bom relacionamento, baseado na confiança e no respeito, contribui para que o aluno se sinta seguro para participar”, e E07 acrescentou: “a presença constante e o acompanhamento próximo reduzem a ansiedade e promovem autoestima”. Essa dimensão emocional, segundo os participantes, é tão relevante quanto as estratégias pedagógicas.

Alguns entrevistados relataram a eficácia do planejamento colaborativo entre docentes e psicopedagogos. E04 explicou que “discutir casos em equipe permite encontrar soluções mais adequadas e diversificadas”, e E08 afirmou que “a troca de experiências entre profissionais fortalece a prática inclusiva e reduz erros”. Esse ponto evidencia que a inclusão não é uma ação isolada, mas resultado de articulação profissional.

No entanto, persistem desafios significativos. Segundo E06, “a falta de recursos didáticos específicos limita a implementação de estratégias adaptadas”, enquanto E02 destacou que “o excesso de alunos por turma dificulta a atenção individualizada”. Esses relatos mostram que, apesar do conhecimento e da intenção dos profissionais, barreiras estruturais podem comprometer o processo de inclusão.

A diversidade de perfis neurodivergentes também exige constante revisão das práticas. E09 afirmou: “não existe receita pronta; cada aluno exige avaliação e intervenção contínua”, e E05 destacou que “o que funciona para um estudante pode não ser eficaz para outro”. Isso reforça a necessidade de abordagens individualizadas, respaldadas pela psicopedagogia, que considerem as diferenças cognitivas, comportamentais e emocionais.

Outro ponto relevante identificado foi a percepção positiva dos alunos diante de práticas inclusivas bem aplicadas. E03 comentou que “quando o aluno percebe que suas necessidades são atendidas, ele se engaja mais e demonstra autonomia”, e E01 afirmou que “a valorização das habilidades individuais contribui para a motivação e o interesse pelo aprendizado”. Esses relatos evidenciam que a inclusão traz impactos concretos na aprendizagem e no desenvolvimento pessoal.

A articulação com a família se mostrou decisiva para a continuidade das estratégias. E07 relatou: “quando os pais compreendem e reforçam as práticas da escola, os resultados são mais consistentes”, enquanto E04 destacou que “a parceria família-escola permite acompanhamento integrado do desenvolvimento do aluno”. Assim, a inclusão não ocorre apenas na sala de aula, mas exige integração com o ambiente familiar.

Alguns profissionais também observaram que a resistência cultural à inclusão ainda é um obstáculo. E06 afirmou que “alguns colegas acreditam que a inclusão prejudica os demais alunos”, e E02 relatou que “a mudança de mentalidade é gradual, mas essencial”. Esses relatos indicam que políticas inclusivas precisam vir acompanhadas de sensibilização e formação para toda a comunidade escolar.

Apesar das dificuldades, os participantes concordam que a psicopedagogia desempenha papel central na promoção da inclusão. E08 afirmou que “o psicopedagogo ajuda a traduzir o conhecimento sobre neurodiversidade em ações concretas na sala de aula”, e E09 complementou que “sua atuação é estratégica para integrar aluno, professor e família”. Esses depoimentos confirmam que o trabalho psicopedagógico vai além da intervenção individual, atuando como mediador e orientador no processo educacional.

Por fim, a análise geral revela que a inclusão de estudantes neurodivergentes é um processo multifatorial e contínuo, que exige conhecimento técnico, sensibilidade emocional, articulação interdisciplinar e suporte institucional. E01 e E05 sintetizaram: “a inclusão só funciona quando todos os elementos se alinham: recursos, formação, equipe e família” e “quando o aluno se sente compreendido e apoiado, ele desenvolve seu potencial ao máximo”. Esses relatos encerram a análise, destacando que a neurodiversidade na educação, apoiada por perspectivas psicopedagógicas, promove aprendizagens significativas, valorização das diferenças e um ambiente escolar mais justo e acolhedor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos dados obtidos a partir das entrevistas com os nove profissionais demonstrou que a inclusão de estudantes neurodivergentes depende de múltiplos fatores que interagem de forma contínua e complexa. Entre os principais resultados, destacou-se o reconhecimento da neurodiversidade como uma variação natural do funcionamento neurológico, o que implica a necessidade de repensar práticas pedagógicas e valorizar diferentes formas de aprendizagem,

rompendo com a visão padronizada de ensino. Os participantes ressaltaram que, embora o conceito seja bem compreendido, ainda existem barreiras culturais e estruturais que dificultam a implementação efetiva da inclusão, como a falta de recursos específicos, turmas numerosas, resistência de alguns professores e ausência de formação continuada voltada para o atendimento de alunos neurodivergentes.

Nesse contexto, a atuação psicopedagógica se mostrou fundamental, atuando como mediadora entre aluno, família e equipe escolar. O psicopedagogo desempenha funções essenciais, incluindo a identificação das necessidades individuais, a proposição de estratégias adaptadas e a orientação de professores sobre práticas pedagógicas inclusivas. Entre as estratégias apontadas pelos profissionais, destacaram-se a utilização de recursos visuais, atividades lúdicas e interativas, adaptações curriculares, flexibilização do tempo de realização das atividades e diversificação das formas de avaliação, como portfólios, apresentações e atividades práticas. Tais estratégias demonstraram favorecer não apenas o aprendizado acadêmico, mas também o desenvolvimento emocional, a autoestima e a motivação dos alunos.

A colaboração entre diferentes atores foi ressaltada como elemento central para a efetividade da inclusão. Segundo os relatos, o planejamento coletivo entre professores e psicopedagogos, aliado à participação da família, permite a construção de intervenções mais consistentes e personalizadas, garantindo que as estratégias aplicadas na escola sejam reforçadas no ambiente doméstico. Além disso, o acompanhamento próximo do aluno, a criação de vínculos afetivos e o estabelecimento de um ambiente escolar acolhedor contribuíram significativamente para reduzir a ansiedade, aumentar a participação e estimular a autonomia dos estudantes.

Apesar dos avanços, os profissionais identificaram desafios persistentes, como a resistência cultural de alguns membros da equipe escolar, a ausência de materiais e recursos específicos e a dificuldade de identificação precoce das necessidades dos alunos. Esses fatores ressaltam que a inclusão não pode ser vista apenas como a adaptação de atividades, mas como um processo sistêmico, que exige mudanças de atitude, políticas institucionais de apoio, capacitação docente e sensibilização de toda a comunidade escolar.

Em síntese, os resultados evidenciam que a inclusão de estudantes neurodivergentes é um processo contínuo e multifatorial, que combina conhecimento técnico, estratégias pedagógicas adaptadas, acompanhamento psicopedagógico, articulação interdisciplinar e suporte familiar. A psicopedagogia se mostra como uma área estratégica para orientar práticas inclusivas, mediando entre as necessidades individuais dos alunos e as demandas do ambiente escolar, garantindo que

a diversidade seja valorizada e que cada estudante possa desenvolver seu potencial. Dessa forma, as perspectivas psicopedagógicas não apenas favorecem a aprendizagem, mas também promovem um ambiente educacional mais justo, acolhedor e democrático, consolidando a neurodiversidade como princípio orientador da educação inclusiva.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, G. F. A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva: a problemática do profissional de apoio à inclusão escolar como um de seus efeitos. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 26, n. 4, p. 673–688, 2020.

GERONE, L. G. T. Os Direitos Humanos e a prática educativa inclusiva. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, 2021.

JAHNKE, J. F.; VELEZ, W. M.; LIMA, L. A. de O.; NASCIMENTO, T. C. do; SIQUEIRA, A. C. de; SANTOS, L. dos; ALMEIDA, T. G. de; MENEZES, N. C. R.; MARTIN, P. R. C. de; MARTINS, H. F.; ARAUJO, W. E. L. de; SANTOS, D. S. dos. Gestão Escolar e Inovação no Contexto da Educação 4.0: o Papel das Tecnologias na Melhoria dos Processos Educativos. *Revista de Gestão e Secretariado*, [S. l.], v. 16, n. 10, p. e5330, 2025. DOI: 10.7769/gesec.v16i10.5330.

LIMA, Lucas Alves de Oliveira; DA SILVA, Avelar Alves; DE LIMA, Tamires Mélo; PONTES, Marcelo Campos; DE SOUSA, Karine Lima; AZEVEDO, Miguel Tourinho. Programa Saúde na Escola (PSE): Integrando políticas públicas de saúde e de educação. *LUMEN ET VIRTUS*, [S. l.], v. 15, n. 40, p. 4386–4393, 2024. DOI: 10.56238/levv15n40-021.

LIMA, L. A. de O.; JAHNKE, J. F.; JESUS, E. L. de; PEREIRA, R.; RIBEIRO, C. M. G.; PEDRO, A. M. Tecnologias de Informação e Comunicação na Globalização: Conexões, Desigualdades e Transformações Socioculturais. *Revista de Gestão e Secretariado*, [S. l.], v. 16, n. 8, p. e5222, 2025. DOI: 10.7769/gesec.v16i8.5222.

LIMA, Lucas Alves de Oliveira; MENEZES, Sady Júnior Martins da Costa de. Programa de Educação Tutorial (PET): perspectivas históricas, fundamentos e as contribuições para a minimização da evasão estudantil no nível superior. *Cadernos Cajuína*, [S. l.], v. 10, n. 3, p. e1088, 2025. DOI: 10.52641/cadcajv10i3.1088.

LIMA, L. A. O.; DOMINGUES, P. L.; SILVA, R. T. . Applicability of the Servqual Scale for Analyzing the Perceived Quality of Public Health Services during the Covid-19 Pandemic in the Municipality of Três Rios/RJ, Brazil. *International Journal of Managerial Studies and Research (IJMSR)*, v. 12, p. 17-18, 2024. <https://doi.org/10.20431/2349-0349.1208003>

Lima, L. A. O., Domingues Júnior, P. L., & Silva, L. L. (2024). Estresse ocupacional em período pandêmico e as relações existentes com os acidentes laborais: estudo de caso em uma indústria alimentícia. *RGO - Revista Gestão Organizacional*, 17(1), 34-47. <http://dx.doi.org/10.22277/rgo.v17i1.7484>.

LIMA, L. A. O; SILVA, L. L.; DOMINGUES JÚNIOR, P. L. Qualidade de Vida no Trabalho segundo as percepções dos funcionários públicos de uma Unidade Básica de Saúde (UBS).

REVISTA DE CARREIRAS E PESSOAS, v. 14, p. 346-359, 2024.

<https://doi.org/10.23925/recape.v14i2.60020>

LIMA, L. A. de O.; INDIANI, L.; OLIVEIRA, P. M. S.; DRESCH, F.; FAVETTI, I.; WINK, J. O.; WOLSCHICK, A. T. N.; GUSATTO, D.; KNOLLSEISEN, A. C. G.; SOEHN, L. Educação midiática: desafios e oportunidades no uso de tecnologias digitais. *Caderno Pedagógico*, [S. l.], v. 22, n. 9, p. e18273, 2025. DOI: 10.54033/cadpedv22n9-251.

SIMÕES, Ana Paula de Souza e Silva. ENTRE A LIBERDADE DE EXPRESSÃO E O DISCURSO DE ÓDIO: LIMITES E IMPLICAÇÕES JURÍDICAS. *ARACÊ*, [S. l.], v. 7, n. 12, p. e11026, 2025. DOI: 10.56238/arev7n12-145

SIMÕES, Ana Paula de Souza e Silva. ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS COMO PRÁTICA DISCURSIVA DE INCLUSÃO: PODER, SUBJETIVAÇÃO E DESIGUALDADES EM DISPUTA. *ARACÊ*, [S. l.], v. 7, n. 12, p. e11025, 2025. DOI: 10.56238/arev7n12-144.

SIMÕES, A. P. de S. e S.; SARAIVA, M. K. dos S. O DESENVOLVIMENTO DE LINGUAGENS NA INFÂNCIA CONSIDERANDO A TEORIA DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS. *Aurum Revista Multidisciplinar*, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 55–71, 2025. DOI: 10.63330/armv1n1-005.

SILVA, ROBSON TAVARES DA ; LIMA, Lucas Alves de Oliveira; SILVA, ROBSON DIAS DA. TRANSFORMAÇÃO DIGITAL, DESENVOLVIMENTO E DESAFIOS SOCIAIS NO CONTEXTO DA INDÚSTRIA 4.0. *Revista de Derecho y Câmbio Social*, v. 22, p. e3555, 2025. <https://doi.org/10.54899/dcs.v22i83.3555>